

SAÚDE, ESTÉTICA E EDUCAÇÃO FÍSICA: UMA APROXIMAÇÃO CRÍTICA

Vanessa Lucena Lima*
Carlos Alberto de Andrade Coelho Filho**

Resumo

Este ensaio tem por objetivo realizar um exercício de pensamento sobre saúde, estética e educação física. Buscamos, especificamente, subsidiar, ensinar e ampliar interpretações relacionadas à saúde e à estética, tanto na produção do conhecimento quanto no dia a dia da prática profissional em educação física. Partindo de uma postura interrogativa que se estabelece atrelada à compreensão de que entre saúde e estética corporais há entrelaces, concluímos que é admissível pensar que o que motiva um indivíduo a praticar exercícios físicos seja talvez mais uma e outra (saúde e estética) do que uma ou outra (saúde ou estética).

Palavras-chave: Saúde. Estética. Educação Física. Exercício.

INTRODUÇÃO

Questões corporais relacionadas à saúde e à estética ocupam, nos dias atuais, uma parcela significativa da população (PEREIRA; CRUZ; ANTUNES, 2012). Para Stanga e Rezer (2015), à saúde tem-se agregado diversos significados, o que torna inesgotável a discussão sobre o tema, especialmente por conta da subjetividade que, inerente à ação humana, é historicamente edificada em meio a diferentes interesses e relações de poder. Se com a saúde é assim, com a estética não acontece de modo diferente. Goetz e Camargo (2014) observam que ao termo estética são atribuídos diferentes significados em seu uso cotidiano. Além disso, os autores destacam que o pensamento associado à estética, produzido no campo da filosofia e em áreas como as ciências humanas e sociais e as ciências da natureza, nos remete para uma diversidade teórico-conceitual.

Mendes (2009) desvela como modelos de beleza e saúde se misturam e percorrem uma diversidade de cenários educativos. Segundo Castro (2001), saúde e estética são os principais motivadores para a prática regular de atividades físicas e frequência às academias de ginástica, o que pode ser atribuído à maneira como esses conceitos foram construídos e tendo seus sentidos entrelaçados.

De fato, apontamos para conceitos que, ocupando lugar de destaque no âmbito psicossocial, acabam por determinar vias de ligação de mão dupla entre práticas (incluindo as profissionais) e representações. Afinal, para o senso comum e em sentido *lato*, quem não almeja sentir-se bem esteticamente, sentir-se bem com a sua saúde? Importa acrescentar, contudo, que paralelamente às relações que podemos estabelecer, por exemplo, entre

* Bacharel em Educação Física pela Universidade Federal de Juiz de Fora. E-mail: <ne-llima@hotmail.com>.

** Doutor em Psicologia Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Professor Associado da Faculdade de Educação Física e Desportos da Universidade Federal de Juiz de Fora. E-mail: <carlos.coelho@ufjf.edu.br>.

práticas profissionais e representações associadas à saúde e à estética, quando somos instados a pensar mais detidamente ou profundamente sobre esses dois conceitos, e na possibilidade de os sentidos dos mesmos se entrelaçarem, vislumbramos uma problemática que ressalta a necessidade de interrogar o campo da educação física¹, especialmente, na seguinte direção.

É comum ouvir no cotidiano da formação universitária em educação física, que fulano busca a prática do exercício físico por estética, ou que sicrano pratica exercícios físicos por questões relacionadas à sua saúde. São assertivas que remetem para um entendimento que gera, obviamente, consequências no campo profissional, como quando nas “avaliações físicas” realizadas em academias de ginástica a pessoa - que procura o movimento - é questionada sobre se está em busca de saúde ou de estética. Com esta questão, “pode-se pressupor a prática da atividade física objetivando a saúde, e não a estética; ou objetivando a estética, quiçá desvinculada da saúde” (COELHO FILHO, 2007, p. 90). O que então nos fisga e motiva a interrogar o campo da educação física, tem relação com a possibilidade de se pensar, ou até mesmo de se compreender, que o que motiva fulano ou sicrano é “uma ou outra”; ou é saúde, ou é estética. Trata-se de uma postura interrogativa que se estabelece atrelada à compreensão de que entre saúde e estética corporais há entrelaces. Portanto, uma compreensão que nos estimula a pensar que o que motiva um indivíduo a praticar exercícios físicos seja talvez mais uma e outra (saúde e estética) do que uma ou outra (saúde ou estética).

Assim, o objetivo geral deste ensaio é realizar um exercício crítico de pensamento sobre saúde, estética e educação física. Como objetivos específicos, assinalamos: 1) subsidiar, ensinar e ampliar interpretações relacionadas à saúde e à estética, tanto na produção do conhecimento quanto no dia a dia da prática profissional em educação física; 2) contribuir para que licenciados e bacharéis

em educação física possam problematizar e colocar em dúvida as suas próprias visões (concepções) de saúde e estética.

No desenvolvimento a seguir nos aproximamos dos conceitos de saúde e estética, separadamente, e buscamos relacioná-los à educação física. Logo após, oferecemos elementos para se pensar a exercitação física a partir do entrelaçamento entre saúde e estética.

1. SAÚDE E EDUCAÇÃO FÍSICA

Stanga e Rezer (2015) verificaram que discutir sobre concepções de saúde não é uma ação regular na prática docente na educação superior. Os autores observam, contudo, tratar-se de uma discussão que, se estabelecida, pode de um lado representar um esforço para dotar de sentido o conhecimento articulado à reflexão acerca do próprio papel da ciência e sua relação com o senso comum frente a diferentes visões de mundo, por outro proporcionar uma melhor compreensão de aspectos problemáticos correlacionados ao campo da saúde e aproximar possíveis soluções através de questionamentos que tensionem o movimento do saber nesse campo. E acrescentam: “A própria discussão sobre o que ‘é’ saúde se faz necessária para uma compreensão mais ampla sobre por que determinadas práticas ou intervenções são como são, ou por que elas se dão de uma forma e não de outra” (STANGA; REZER, 2015, p. 594).

Para Traverso-Yépez e Pinheiro (2002), as discussões travadas em torno do processo saúde-doença têm gerado, sob um enfoque reducionista, a tendência de se pensar que a saúde significa a ausência de doença. Seguindo por esse caminho, a saúde, correlacionada a evidências objetivas, se presentifica estritamente associada à ideia de funcionamento “adequado” ou “normal” do organismo. Todavia, a ideia de viver com ou sem saúde não deveria se reduzir a uma evidência orgânica, natural e objetiva, e nem mesmo a certo estado de equilíbrio, pois

a saúde está intimamente relacionada às características de cada contexto sociocultural e aos significados que cada indivíduo atribui ao seu processo de viver.

Decerto, a saúde de uma pessoa está relacionada a uma grande quantidade de variáveis que participam de interações complexas. Elementos como estilo de vida, ambiente físico e sociocultural, peculiaridades de personalidade e herança genética, entre outros, se influenciam de maneira recíproca (MIRA, 2000). Assim sendo, discutir criticamente concepções de saúde não é uma tarefa fácil, pois, *lato sensu*, acaba tendo de abarcar elementos diversos. Como observa Scliar (2007), a saúde é influenciada pela conjuntura social, econômica, política e cultural, além de ser prudente compreender que a representação de saúde não é a mesma para todas as pessoas, pois depende da época, do lugar, da classe social, dos valores individuais, do nível de informação, das crenças, dentre outros possíveis fatores.

Xavier e Araújo (2014), aludindo a ideias como “bom funcionamento orgânico”, “ausência de doenças” e “completo bem-estar biopsicossocial”, observam inexistir um conceito exato para o termo saúde, sendo até mesmo possível pensar em saúde de determinada organização social relacionada às conjunturas econômica, política e cultural. Ao mesmo tempo, as autoras sublinham que uma “primitiva concepção sobrenatural de saúde” foi sendo gradualmente substituída por uma concepção maciçamente biológica apegada à ideia de equilíbrio orgânico (um equilíbrio que é fundamentalmente mensurado pelos exames objetivos, e muitas vezes alcançado através da ingestão de medicamentos), e acrescentam que a concepção biológica pode ser considerada limitada, na medida em que ignora a subjetividade, o contexto e a história de vida das pessoas.

Com efeito, o campo da educação física parece distanciar-se de uma compreensão ampla de saúde e apegar-se àquela restrita atrelada ao discurso biológico. Conforme Damico (2005), na educação física se aprende

e se ensina que fazer atividade física ajuda a prevenir doenças, mas pouco se diz que em algumas situações deixar de se exercitar também pode ser uma questão de saúde. O autor assinala:

Na minha experiência profissional já ouvi depoimentos de jovens diagnosticadas com transtornos alimentares, as quais, mesmo internadas e às vezes amarradas na cama, conseguiam fazer abdominais, ou até mesmo em suas casas se ofereciam para fazer todas as tarefas domésticas a fim de queimarem mais calorias e ficarem ainda mais magras. (DAMICO, 2005, p. 77)

Citemos também, como exemplo, que a busca pelo “corpo idealizado” (corpo performático) através da prática de exercícios físicos pode ser perigosa e arrastar a “criança” para a *hýbris*, o descomedimento, fazendo-a ultrapassar o *métron*, que é a medida de cada um, o limite próprio do ser humano (COELHO FILHO, 2007). Em sentido crítico quiçá similar, é interessante mencionar o livro de Bertherat e Bernstein (2001), cujo título “*O corpo tem suas razões: antiginástica e consciência de si*” já nos transparece provocativo à educação física, e ilustre-se com a dedicatória que as autoras fazem a Sra. C., “que mandou consertar o nariz, pálpebras, seios, mas que chora lágrimas de verdade quando percebe que não consegue mandar consertar a própria vida” (p. VII).

De fato, a educação física esteve influenciada por uma série de instituições durante a sua história, como a militar, a médica e a desportiva, com destaque nos tempos mais atuais para as duas últimas. Frases como “o exercício faz bem à saúde” e “esporte é saúde” atestam essa influência, além de poderem apontar tanto para a via da aptidão física quanto para certa relação positiva que se estabelece entre a prática regular da atividade físico-esportiva e o status de saúde individual e/ou coletivo. Retomando então a crítica que, mesmo não sendo nova, compreendemos ser ainda pertinente e atual, entender a relação da educação física com a saúde, exclusivamente através dos benefícios orgânicos e da aptidão física pode

ser encarado como um reducionismo do conceito de saúde e da própria profissão (DEVIDE, 1996).

Importa considerar, contudo, que a produção de subjetividades no universo da educação física não é fortuita, mas determinantemente influenciada por um discurso pretensamente científico. Como observa Fraga (2006), certo ramo da epidemiologia (que pode ser denominado de “epidemiologia da atividade física”) vem-se ocupando especificamente da produção e ordenação de incidências, correlações de morbidade e probabilidades estatísticas em escala coletiva, que invariavelmente apontam a falta de atividade física como um elemento danoso à saúde. Bagrichevsky, Palma e Estevão (2003, p. 8), por seu turno, percebem que em “congressos, livros e periódicos científicos da Educação Física, a abordagem predominante da ‘saúde’ tem sido privilegiada com uma visão que tem buscado/explorado muito mais os aspectos fisiológicos relacionados a esse objeto, em detrimento de outros enfoques”. A relação que predomina nessa tendência hegemônica é a da “atividade física e saúde”, a qual vem sendo incessantemente explorada como fenômeno de causa e efeito, ou seja, a saúde entendida como consequência, quase exclusiva, de uma atividade física regular, o que parece implicar na compreensão que não leva em conta outros fatores contextuais, aos quais as pessoas estão submetidas.

Stanga e Rezer (2015) lembram que qualquer compreensão começa pelos preconceitos, influenciados por certa tradição, na medida em que nos desenvolvemos em um tempo histórico específico, gerando significados frente aos possíveis fatores que permitem qualificar, por exemplo, a discussão sobre saúde. Os autores sugerem que a discussão acerca do tema saúde talvez possa contribuir com a qualificação de nossa própria percepção de mundo, ou seja, com a qualificação dos nossos preconceitos sobre saúde.

Debater sobre saúde pode se tornar relevante, na medida em que contribua para minimizar a simplificação

que abrange o entendimento do senso comum sobre esse fenômeno. Mas, ainda, em se compreendendo existir vias de ligação de mão dupla entre práticas profissionais e representações do senso comum, ou, dito em outras palavras, discursos que se retroalimentam a todo o momento, parafraseamos Devide (1996) e sublinhamos a importância de que os cursos de formação universitária em educação física forneçam subsídios para que os seus graduandos, futuros profissionais, munidos de instrumentação teórica consistente, compreendam o vetor multifatorial da saúde e tenham condições de discutir e ampliar a relação de compromisso da área para além da esfera da aptidão física. Com base em Carvalho (2006), pode-se mesmo sugerir, criticamente, que a educação física contemporânea desconsidera o sujeito e a subjetividade. Para a autora, à medida que a educação física prioriza a dimensão física e biológica no que se refere ao corpo, ela o parte, o decompõe, e assim ele perde em potência, ainda que a justificativa da opção recaia no discurso da ciência. Alves e Carvalho (2010) assinalam que o profissional da educação física é contaminado por este discurso limitado, reproduzindo-o em sua intervenção. Ele passa a ser agente ativo de uma ideologia do organismo saudável, negligencia a diversidade dos corpos e acaba por reproduzir uma lógica excludente que dita padrões.

Tendo o campo de reflexão acima delineado e seus desdobramentos teóricos em foco, compreendemos a saúde como um estado pessoal que se estabelece associado a um conjunto temporal e complexo de elementos, especialmente, como um estado intrinsecamente relacionado à complexidade do corpo que é biológico, psicológico e social. Assim, rejeitamos uma “concepção biológica de saúde”, concepção que, a nosso ver, se impõe relacionada à superposição ingênua dos conceitos de corpo e organismo, e que conduz a saúde por um desvio biologizante.

2. ESTÉTICA E EDUCAÇÃO FÍSICA

A estética, tradicionalmente, como um ramo da filosofia, se ocupa de questões relacionadas à arte, portanto ao belo, ao feio, aos gostos, aos estilos, às teorias da criação e da percepção artísticas. Conforme Aranha (1993), a palavra estética vem do grego *aesthesis*, que significa conhecimento sensorial ou sensibilidade, faculdade de sentir, compreensão pelos sentidos, percepção totalizante. Lacerda (2002a) acentua que a reflexão sobre estética ocorre há vários séculos, e que a concepção do que seja estética acompanhou a mudança e evolução do pensamento. Melo (2002) assinala que uma intervenção no âmbito da estética não se restringe à beleza, notadamente em sua concepção clássica, pois o objeto da estética é mais amplo, contemplando inclusive o feio e o grotesco, até mesmo a partir da reconfiguração, relativização e ressignificação do conceito de belo.

Decerto, a estética expandiu os seus tentáculos e pode abranger um amálgama de significados. Recuperemos, por exemplo, o que em certo momento da história emergiu identificada como “teoria funcionalista da estética” (OSBORNE, 1968). Trata-se de uma teoria que apresenta, em suas diferentes expressões, uma antítese implícita entre a beleza visual e a beleza intelectualmente apreensível. Pensemos então, com a lente oferecida por esta teoria, numa possibilidade de se vislumbrar beleza em um “objeto” que pode, talvez mesmo para a maioria das pessoas, ser percebido como feio ou grotesco: um médico que faz alusão a uma “bela úlcera”. Obviamente, esse profissional da medicina não estará querendo dizer que a úlcera seja bela para todos os olhares, senão que é um exemplo de úlcera típica, e que no reconhecimento disso se pode sentir prazer intelectual.

Desdobremos agora a interpretação e nos aproximemos da educação física. (A analogia vai ser necessária: úlcera típica = corpo padrão.) Nos deparamos, no âmbito de diferentes práticas profissionais – dentre as

quais a da educação física – e no senso comum, com a noção de estética corporal atrelada à “casca”, à aparência, à superfície, ou à objetividade técnica. Admitamos, a título de exemplo, que para muitos “especialistas” em exercícios físicos, o corpo belo deve ser moldado seguindo padrões ideais de gordura e massa muscular (volumes, contornos e medidas). Posto isto, admitamos também a concretude de um pensamento que tende a julgar a aparência física do modelo que se enquadra aos padrões ideais como referência de corpo belo. Por fim, admitamos que o pensamento desse especialista, profissional da área de educação física, é influenciado pela sociedade (de consumo) e, ao mesmo tempo, influencia a sociedade. Trata-se de um movimento que, decerto, continua produzindo efeitos, especialmente, no sentido de contribuir para que se institua o que é identificado por Birman (2001) como “hegemonia da aparência”, que define o critério fundamental do ser e da existência.

Lacerda e Queirós (2004) observam que na sociedade ocidental contemporânea o sentido da visão é privilegiado relativamente a todos os outros, e que a imagem, projetada pelo corpo de cada um, funciona como um cartão de visitas através do qual nos apresentamos às pessoas. É desse diapasão que emerge o “malhado-narcisista” (inclui-se nesse espectro profissionais da área de educação física) realizando polimentos intermináveis para se adequar ao padrão ideal de aparência física e, conseqüentemente, alcançar o Olimpo, porquanto na cultura da “estetização” do eu o sujeito vale pelo que parece ser, mediante as imagens produzidas para se apresentar na cena social (COELHO FILHO, 2007).

Assim, existindo coerência no quadro acima delineado, e tendo ainda como suporte a “teoria funcionalista da estética”, nos parece legítimo interpretar que, diferentemente do profissional da medicina que tem o entendimento de que uma úlcera típica pode ser adjetivada como bela apenas em contexto teórico-

acadêmico singular, o tal especialista em exercícios físicos, profissional da área de educação física, encontra-se quiçá alienado à possibilidade de que certo padrão de corpo (“úlceras típicas”) não seja belo para todos os olhares. Ou ainda, se for apenas o corpo emergido de uma ideologia do rendimento (que adota como parâmetro fundamental e objetivável de avaliação as medidas “ideais” relacionadas aos compassos de dobras cutâneas, aos “índices de massa corporal” etc.) que se torna referência de corpo belo para parcela significativa da educação física em sua intervenção profissional, perguntamos: o profissional da área negligencia ou contribui para que a sociedade negligencie a beleza que pode ser encontrada na diversidade dos corpos, de todos os corpos que venham a escapar ao padrão?

Progredindo no exercício de pensamento associado à estética, pode-se compreender que a beleza intelectualmente apreensível, proporcionada pela úlcera típica e pelo corpo padrão, está ancorada a conceitos e funções. Com efeito, trata-se de “objetos” (úlceras típicas e corpo padrão) que se enquadram exatamente a certas classificações ou categorias (conceitos objetivos), que têm em si o potencial de seduzir (função) por conta desses enquadramentos. Importa então sublinhar, nesse ponto, que as interpretações acima estabelecidas estão apoiadas em uma compreensão de belo (ressignificado, relativizado) relacionada à “teoria funcionalista da estética”. Talvez mesmo não fosse possível concretizá-las em semelhantes termos se o recurso à beleza proviesse de uma concepção clássica. Vejamos o que elabora Kant (2012), acerca do belo e de sua vinculação ao “conceito”: “Não pode haver nenhuma regra de gosto objetiva que determine através de conceitos o que seja belo. Pois todo o juízo proveniente desta fonte é estético; isto é, o sentimento do sujeito, e não o conceito de um objeto, é seu fundamento determinante” (KANT, 2012, p. 73). De fato, não parece possível recorrer à estética dissociando-a do “sentimento do sujeito”, de uma

condição subjetiva associada ao prazer. Contudo, vale registrar que a concepção kantiana nos direciona a duas sortes de beleza, e que apenas uma delas, por vincular-se a um sentimento de prazer “desinteressado e livre” (KANT, 2012, p. 46), é compreendida como estética (beleza estética). O extrato pode ser esclarecedor:

Há duas espécies de beleza: a beleza livre (*pulchritudo vaga*) e a beleza simplesmente aderente (*pulchritudo adhaerens*). A primeira não pressupõe nenhum conceito do que o objeto deva ser; a segunda pressupõe um tal conhecimento e a perfeição do objeto segundo o mesmo. Os modos da primeira chamam-se belezas (por si subsistentes) desta ou daquela coisa; a outra, como aderente a um conceito (beleza condicionada), é atribuída a objetos que estão sob o conceito de um fim particular. (KANT, 2012, p. 71)

Portanto, compreende-se que há alternativas de interpretar o belo tendo ou não por referência o conceito do que o objeto é ou deva ser, com exceção feita à concepção clássica de “beleza estética”. Para fins deste ensaio, contudo, não cabe abraçar mais detidamente o movimento interpretativo e o conhecimento relacionados às especificidades das condições subjetivas prazerosas, se atreladas ou não a conceitos, se livres ou interessadas, até mesmo por que alimentar tal propósito implicaria necessariamente em considerar a ideia de “sujeito do inconsciente”; ou ainda quiçá a de “inconsciente estético” (RANCIÈRE, 2009). De todo modo, com o nível de compreensão alçado até o momento, nos parece justificável e, ao mesmo tempo, inevitável, recuperar um pouco mais do que a tradição tem a nos ensinar sobre estética.

Consideremos, por exemplo, como Baumgarten (2013) a define: “A Estética (como teoria das artes liberais, como gnoseologia interior, como arte de pensar de modo belo, como arte do *análogon* da razão) é a ciência do conhecimento sensitivo” (BAUMGARTEN, 2013, p. 70). O autor observa, contudo, que algumas objeções podem ser levantadas à “nova ciência”,

dentre as quais a de que a estética é uma arte e não uma ciência. Ele responde à objeção: “[...] a arte e a ciência não são maneiras de ser opostas. Quantas artes, que outrora eram apenas artes, agora são também ciências? A experiência provará que nossa arte pode ser demonstrada” (BAUMGARTEN, 2013, p. 72).

Sigamos daqui, então, com a ideia de conhecimento sensitivo, relacionado ao belo e passível de ser demonstrado. Plotino (2013) observa que percebemos o belo, quase sempre, com a vista, mas também com o ouvido na combinação de palavras e em toda classe de música, porque as melodias e os ritmos são belos. O autor diz ainda que “se nos elevamos a um plano superior à sensação encontramos hábitos, ações, caracteres e até ciências e virtudes belas” (PLOTINO, 2013, p. 48). Em um plano, portanto, temos os órgãos dos sentidos, a experiência bela que o olhar e a audição podem proporcionar. Em outro plano, “superior”, exemplifiquemos com os “belos hábitos e às belas concepções mentais” (PLOTINO, 2013, p. 49). Quanto ao “plano inferior”, nos parece importante acrescentar a compreensão associada à possibilidade de se perceber a beleza com o paladar, o olfato e o toque. As experiências sensoriais proporcionadas pela arte interativa contemporânea ou culinária podem ser belas? O abraço amoroso ao objeto de amor é belo?

Derrida (2010) nos remete aos dois planos quando analisa imagens de Jesus Cristo tocando a cegueira: “‘Senhor, que os nossos olhos se abram!’ Dominado pela compaixão, Jesus tocou-lhes nos olhos” (p. 16). O cego, que no retrato é tocado por Cristo, segura com a mão direita, “ainda firmemente, entre as pernas, a bengala de que não está pronto a esquecer que ela foi o seu olho de socorro, poder-se-ia dizer a sua prótese óptica, mais preciosa do que a menina dos seus olhos” (DERRIDA, 2010, p. 18). Pensemos então se o toque na e com a bengala pode ser belo. Recuperar a visão, literal ou figuradamente, decerto indica uma experiência bela.

Em outra passagem, o autor nos oferece novas alternativas ao pensamento: “Aspectus é, ao mesmo tempo, o olhar, a vista e o que se dá a ver: de um lado, o espectador e, do outro, o aspecto, ou por outras palavras o espetáculo” (DERRIDA, 2010, p. 51). Destaque-se então a relação entre espectador e espetáculo. Gumbrecht (2007), ao propor o “elogio da beleza atlética”, diz que o seu foco é a assistência aos esportes, e não o que é praticar esportes e ser um atleta. Ou seja, neste trabalho o autor se propõe a discorrer sobre o sentimento de prazer vivenciado pelo público esportivo (espectador que assiste ao espetáculo proporcionado por um indivíduo ou grupo de indivíduos), que associa a uma experiência estética, e não o vivenciado pelo atleta. Coelho, Kreft e Lacerda (2013) assinalam que no quadro de temáticas que a “estética do desporto” congrega, pode ser destacada a que focaliza a experiência estética, tanto da perspectiva do atleta quanto da do observador. Diferentemente de Gumbrecht (2007), o estudo de Coelho, Kreft e Lacerda (2013) busca contribuir para a compreensão da experiência estética do atleta, especificamente, do atleta de Taekwondo.

De nossa parte, quando atentamos para os objetivos deste ensaio, devemos sublinhar o interesse na relação que o indivíduo estabelece com ele mesmo, isto é, na relação de *si* consigo mesmo, de *mim* comigo mesmo, o que, de certo modo, nos aproxima dos estudos que direcionam seus olhares para a experiência estética do “atleta”; experiência estética associada à prática do esporte ou do exercício físico. Trata-se de uma perspectiva interpretativa na qual o indivíduo é espectador e espetáculo ao mesmo tempo. Parafraseando Jeudy (2002), é mais ou menos como se eu, (artista) ao exercer com sucesso esta ou aquela prática físico-esportiva, transformasse o meu próprio corpo que se movimenta em objeto de arte, ou experienciasse o meu próprio corpo que se movimenta como obra de arte, ou apreciase em meu próprio corpo o resultado

proporcionado pelo movimento. Transitando então por algumas das vias provenientes desta complexa e, ao mesmo tempo, encantadora estética, lembremo-nos também de Foucault, que elabora sobre a constituição de *si* “como uma obra de arte pessoal” (FOUCAULT, 2004, p. 290). Em sessão de trabalho (entrevista, conversa) realizada com Hubert Lederer Dreyfus e Paul Rabinow, em 1983, Foucault observa:

O que me surpreende é que, em nossa sociedade, a arte se tornou algo que se relaciona apenas com outros objetos e não com os indivíduos ou com a vida. Essa arte é algo especializado, produzido por especialistas que são os artistas. Mas o indivíduo não poderia transformar a sua vida em uma obra de arte? Por que a lâmpada de uma casa pode ser um objeto artístico, mas não a nossa própria vida?³(FOUCAULT, 2001, p. 171)

Portanto, em nossa perspectiva interpretativa, é a própria vida do indivíduo compreendida como uma obra de arte que ele (re) cria cotidianamente e contempla. Considera-se, assim, a condição subjetiva prazerosa inerente ao exercício cuidadoso de pensamento associado à estética, e indica-se ainda a possibilidade de concretude de uma “experiência bela” na relação estabelecida de *si* consigo no espelho. No caso, a questão não é, simplesmente, a forma superficial do corpo no espelho, mas a colocação do indivíduo ao alcance do campo de reflexão de um espelho. Como observa Bachelard (2001, p. 117), “um materialismo externo mascara o materialismo profundo, o materialismo do sonhador”.

Com já indicado acima, a estética expandiu os seus tentáculos e pode abranger um amálgama de significados e concepções. Importa registrar, contudo, que o exercício de pensamento associado à estética nos leva a compreender: 1) cada indivíduo tem uma capacidade própria de sentir e uma forma particular de perceber e expressar o belo; 2) recorrer à estética implica ter em consideração o sentimento do sujeito, uma condição subjetiva associada ao prazer. Nesta direção, descortina-se ainda a possibilidade de compreensão:

uma condição subjetiva prazerosa, fugidia, é inerente à experiência estética.

Logo, gera apreensão e nos transparece como problema o que assinalam Iten et al. (2013) acerca da empregabilidade cotidiana do termo estética, especialmente como ele tem sido difundido em massa pelas mídias, de forma superficial, ancorado ao mercado, distante ou mesmo desvinculado da complexidade que envolve o conceito. Não sem motivos, portanto, que produções como a de Lüdorf (2009) apontam para a importância de se discutir mais profundamente, no interior dos cursos de formação universitária em educação física, sobre concepções de estética, e sobre as eventuais concepções de estética que perpassam o cotidiano desses cursos. Conforme Lacerda (2002b), a apreensão do conceito de estética de maneira ampla pode nos proporcionar a visão de polos reducionistas, como o associado aos serviços que são prestados às pessoas com a intenção de dotá-las de (maior) beleza.

3. A EXERCITAÇÃO FÍSICA PENSADA A PARTIR DO ENTRELAÇAMENTO ENTRE SAÚDE E ESTÉTICA

Por questões vinculadas à limitação de espaço, decidimos organizar esta seção em tópicos, especificamente, dois tópicos (dentre tantos outros possíveis), redigidos em termos sumários, que pretendem oferecer alternativas ao pensamento e, conseqüentemente, à produção futura de conhecimento.

3.1. EXERCITAÇÃO FÍSICA, SAÚDE (HIGIENE) E ESTÉTICA: A COMPREENSÃO RASA

Para Castro (2001), o entrelaçamento entre saúde e beleza tem suas raízes ainda no início do século XX, como resultado da maneira como esses termos foram incorporados às práticas cotidianas e passaram a compor

o universo vocabular da sociedade. As políticas de saúde pública da época foram responsáveis por difundir os produtos para higiene e limpeza, e os publicitários não tardaram a associar o apelo higienista ao estético.

Sublinhemos então, novamente, a tendência de articulação da educação física com a “indústria corporal”. Para Russo (2005), trata-se de uma indústria que, através dos meios de comunicação, encarrega-se de criar desejos e reforçar imagens, padronizando corpos. Com efeito, os serviços relacionados ao mercado do capital, oferecidos por profissionais de educação física no contexto das academias de ginástica, dentre outros espaços, atacam exatamente esse filão, qual seja, o dos corpos que se apercebem distantes das medidas padronizadas e se sentem, por isso, cobrados e insatisfeitos. Trata-se da sugerida via de ligação de mão dupla entre práticas e representações. É o pensamento do profissional da área de educação física influenciando a sociedade de consumo e, ao mesmo tempo, sendo por ela influenciado.

Mas, no âmbito da produção e do consumo de corpos, não deixemos também de lembrar de uma educação física escolar apontando para certa “ideologia do rendimento” (MOLINA; BELTRÁN, 2007, p. 161), que se revela limitante e negativa na medida em que origina contextos em que são valorizados positivamente aqueles jovens que apresentam melhor rendimento (eficiência, competência motriz etc.), e negativamente aqueles cujo rendimento é menor, chegando ao extremo de gerar intolerância e rechaço para com os mesmos (MOLINA; BELTRÁN, 2007). Uma ideologia do rendimento que pode ser associada às medidas “ideais”, aos “índices de massa corporal” (IMC) que se aproximam, cada vez mais, da educação física escolar, já que na educação física contemporânea a “*ordem médica*” volta a imperar pelo viés (sobretudo biológico) da *saúde*” (COELHO FILHO, 2007, p. 190, grifos do autor).

É um quadro que aponta para um “campo normativo de rendimento físico e esportivo” (COELHO

FILHO, 2014, p. 199). Com efeito, vejamos o que conclui Mendes (2009):

Após a discussão sobre a relação entre Educação Física, saúde e estética em diferentes cenários epistemológicos, identificamos a relação com a ideologia do ser saudável atrelada a uma diversidade de discursos. Do ideal de robustez, ao modelo atlético e ao peso corporal ideal, observamos discursos e intervenções alicerçados por uma postura normativa guiada por modelos determinísticos, que expõem guias de conduta que desejam obediência aos preceitos médicos (MENDES, 2009, p. 186).

3.2. EXERCITAÇÃO FÍSICA, SAÚDE E ESTÉTICA: UMA ALTERNATIVA DE APROFUNDAMENTO (O JOGO)

Diz Bernadete², 60 anos, praticante de *tai-chi-chuan*:

Eu descobri aos 50 anos que já não tinha mais tanta agilidade. Eu entrava no ônibus e tinha que me segurar de todas as formas para não... Eu levava um tombo de qualquer forma, porque não sabia como me segurar. Hoje, faço *Tai-Chi* dentro do ônibus. Uma vez eu estava fazendo um curso na PUC, e tinha que apanhar dois ônibus. Então, desta vez eu apanhei o ônibus por volta de cinco horas. O ônibus estava muito lotado com estudantes, de tudo quanto era forma, não tinha onde pisar. Aí eu fui pensando como ia atravessar da roleta até a frente, naquele espaço de tempo tão curto. Mas me lembrei de que eu não estava mais no antigamente, tinha vencido todas as dificuldades. Eu então flutuei em cima das mochilas, em cima de estudantes, e quando chegou no ponto eu já estava lá na frente, que foi questão de segundos.

Bernadete “não estava mais no antigamente”. Caillois (1990) supõe um mundo de improviso, um desdobramento do mundo do ator e do papel que ele desempenha em meio ao pânico e à desordem. “Fingir que se é outro aliena e extasia”, diz Caillois (1990, p. 44). A máscara embriaga. Segundo o autor, esta parece ser uma metamorfose da vida do sujeito.

Bernadete “flutua”. Esse improviso insere-se na esfera do sagrado e fornece o impulso e o fascínio que esse nível de sagrado exerce sobre o praticante, subjungendo-

lhe o raciocínio e a vontade, tornando-o prisioneiro do êxtase em que julga ser um deus. Em plena perturbação, o sujeito se entrega e passa a acreditar que sofre uma transformação.

Conforme Caillois (1990), os jogos transitam entre dois polos, duas maneiras de jogar: a *paidia* e o *ludus*. A *paidia* tende à diversão, à turbulência, à improvisação, às proezas, às manifestações espontâneas do instinto do jogo e à expansão. O caráter desregrado, inesperado, é a única razão de ser da *paidia*. Já o *ludus* é complemento e adestramento da *paidia*. Segundo o autor, a *paidia* pode ser metamorfoseada para a calma, para a paciência, para o devaneio, como acontece na “filosofia chinesa”. Sua agitação pode se transformar mediante a adoção de valores orientais, em apaziguantes e repousantes suavidades de um passeio (ou prática de *tai-chi-chuan*) junto à natureza.

Pode-se postular, com base em Caillois (1990), que Bernadete, praticante de *tai-chi-chuan*, adota a vertigem (que conduz ao êxtase e ao transe), voltando-se em alguns momentos para a potência subversiva do lúdico. Aproxima-se da *paidia* quando se excita, enfrenta e supera obstáculos, realiza proezas. E tende para o *ludus*, o polo normalizado e de integração, quando metamorfoseia a *paidia* se autocontrolando, disciplinando-se no treinamento, resistindo à fadiga e ao sofrimento (ao peso da idade), ou ainda, pela meditação, em simbiose com “o ser-natureza, esse ser-cósmico” - conforme observa Costa (2000) - que existe no interior das pessoas, adotando um estado de calma e tranquilidade. Sendo assim, questionamos: é possível dissociar saúde e estética quando nos deixamos tocar por um relato como o de Bernadete?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma pergunta fundamental nos acompanhou durante o percurso até aqui trilhado, atrelada à compreensão de que entre saúde e estética corporais

há entrelaces: é admissível pensar que o que motiva um indivíduo a praticar exercícios físicos seja talvez mais “uma e outra” (saúde e estética) do que “uma ou outra” (saúde ou estética)? Ao final, parece-nos plausível considerar a admissibilidade de tal pensamento, se bem que, temos de assumir, é necessário seguir direcionando esforços para produzir conhecimento sobre o assunto. Decerto, seguir aprofundando conceitos e aprimorando os nossos potenciais analíticos e interpretativos, até mesmo para que tenhamos mais clareza sobre as capacidades contributivas da temática, por exemplo, para o campo da educação física.

Sendo esta uma indicação pertinente, parece-nos interessante registrar a observação de Jeudy (2002, p. 143): “[...] imagina-se que a sobreoferta nas maneiras de falar do corpo possa não ter fim; o desafio é o de sempre: encontrar uma linguagem inédita para afastar a ameaça de modelação que cada ritual impõe por seus próprios códigos”. Acentuamos, portanto, a possibilidade de nos situarmos no interior da imensidão dos estudos sobre corpo, e sugerimos, por fim, a ligação das reflexões que se seguem com a imaginação de cada um: “A prática regular da atividade física faz com que o sujeito, vivendo o ciclo de prazer/desprazer, entre em contato com algo que proporciona um bem-estar fugidivo, um estado de consciência que precisa ser constantemente *reencontrado, reelaborado*” (COELHO FILHO, 2007, p. 261).

HEALTH, AESTHETICS AND PHYSICAL EDUCATION: A CRITICAL APPROACH

Abstract

This essay aims to carry out a thought exercise about health, aesthetics and physical education. Specifically, we have sought to subsidize, provide and expand interpretations related to health and aesthetics, both in the production of knowledge

and in the daily practice of physical education. Starting from an interrogative posture that is linked to the understanding that there is a link between body health and aesthetics, we have concluded that it is permissible to think that what motivates a person to practice physical exercises is perhaps more “one and another” (health and aesthetics) than “one or the other” (health or aesthetics).

Keywords: Health. Aesthetics. Physical Education. Exercise.

SALUD, ESTÉTICA Y EDUCACIÓN FÍSICA: UN ACERCAMIENTO CRÍTICO

Resumen

En este ensayo tenemos como objetivo reflexionar sobre la salud, la estética y la educación física; buscando, específicamente, subsidiar, aportar y alargar las interpretaciones relacionadas a la salud y a la estética, tanto en la producción del conocimiento, como en el día a día de la práctica profesional en educación física. Afirmando, desde la partida, que existe un vínculo entre la salud y la estética corporales, por lo cual concluimos que es admisible pensar que lo que motiva a las personas a practicar ejercicios físicos es la salud y la estética en conjunto y no por separado.

Palabras clave: Salud. Estética. Educación Física. Ejercicio.

NOTAS

¹ O foco deste trabalho recai nas práticas corporais que se tornaram tradicionais no campo da educação física, como as ginásticas, os esportes, os jogos, as danças. Importa registrar que utilizamos livremente os termos “exercício físico” (“exercitação física”)

e “atividade físico-esportiva”, sem preocupação relacionada à especificidade dos respectivos conceitos. O termo “atividade física” aparece apenas quando há citação literal, para manter coerência com o original consultado.

² Nome fictício. Depoimento coletado em “grupo focal” realizado com praticantes de *tai-chi-chuan*.

³ Esta citação (tradução nossa) encontra-se no livro de Dreyfus e Rabinow, *Michel Foucault: más allá del estructuralismo y la hermenéutica* (2001, p. 269).

REFERÊNCIAS

ALVES, Flávio Soares; CARVALHO, Yara Maria de. Práticas corporais e grande saúde: um encontro possível. *Movimento*, Porto Alegre, v. 16, n. 4, p. 229-244, out./dez. 2010.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. *Filosofando: introdução à Filosofia*. São Paulo: Moderna, 1993.

BACHELARD, Gaston. *A terra e os devaneios da vontade*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BAGRICHEVSKY, Marcos; PALMA, Alexandre; ESTEVÃO, Adriana. *A saúde em debate na educação física*. Blumenau: Edibes, 2003.

BAUMGARTEN, Alexander Gottlieb. Estética. In: DUARTE, Rodrigo (Org.). *O belo autônomo: textos clássicos de estética*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. p. 67-88.

BERTHERAT, Thérèse; BERNSTEIN, Carol. *O corpo tem suas razões: antiginástica e consciência de si*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BIRMAN, Joel. *Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

CAILLOIS, Roger. *Os jogos e os homens: a máscara e a vertigem*. Lisboa: Edições 70, 1990.

CARVALHO, Yara Maria de. Saúde, sociedade e vida: um olhar da educação física. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 27, n. 3, p. 153-168, maio 2006.

CASTRO, Ana Lucia de. *Culto ao corpo e sociedade: mídia, cultura de consumo e estilos de vida*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

COELHO FILHO, Carlos Alberto de Andrade. *Metamorfose de um corpo andarilho: busca e reencontro do algo melhor*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

- COELHO FILHO, Carlos Alberto de Andrade. Narcisismo e sua relação com a prática de atividades físico-esportivas. *Psicologia & Sociedade*, Belo Horizonte, v. 26, n. 1, p. 194-203, jan./abr. 2014.
- COELHO, Rebeca Cardozo; KREFT, Lev; LACERDA, Teresa. Elementos para a compreensão da estética do Taekwondo. *Movimento*, Porto Alegre, v. 19, n. 3, p. 295-314, jul./set. 2013.
- COSTA, Vera Lucia de Menezes. *Esportes de aventura e risco na montanha: um mergulho no imaginário*. Rio de Janeiro: Manole, 2000.
- DAMICO, José Geraldo Soares. *Quantas calorias eu preciso [gastar] para emagrecer com saúde?* Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2005.
- DERRIDA, Jacques. *Memórias de Cego: o auto-retrato e outras ruínas*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010.
- DEVIDE, Fabiano Pries. Educação Física e saúde: em busca de uma reorientação para a sua práxis. *Movimento*, Porto Alegre, v. 3, n. 5, p. 44-55, 1996.
- DREYFUS, Hubert Lederer; RABINOW, Paul. *Michel Foucault: más allá del estructuralismo y la hermenéutica*. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 2001.
- FOUCAULT, Michel. Uma estética da existência. In: BARROS DA MOTTA, Manoel (Org.). *Coleção Ditos & Escritos V* (Ética, sexualidade, política). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. p. 289-293.
- FRAGA, Alex Branco. *Exercício da informação: governo dos corpos no mercado da vida ativa*. Campinas: Autores Associados, 2006.
- GOETZ, Everley Rosane; CAMARGO, Brígido Vizeu. Escala de atitudes em saúde e estética: construção e validação. *Fractal – Revista de Psicologia*, Rio de Janeiro, v. 26, n. 1, p. 199-222, jan./abr. 2014.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Elogio da beleza atlética*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- ITEN, Ana Paula de Oliveira et al. Estética e formação docente: representações sociais e conceitos. *Linguagens – Revista de Letras, Artes e Comunicação*, Blumenau, v. 7, n. 1, p. 47-61, jan./abr. 2013.
- JEUDY, Henri-Pierre. *O corpo como objeto de arte*. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.
- KANT, Immanuel. *Crítica da faculdade do juízo*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.
- LACERDA, Teresa Oliveira. *Elementos para a construção de uma estética do desporto*. Tese (Doutorado em Ciências do Desporto) – Universidade do Porto, 2002a.
- LACERDA, Teresa Oliveira. A estética como uma dimensão de referência para o desporto do século XXI. *Horizonte*, Lisboa, v. 18, n. 104, p. 18-20, 2002b.
- LACERDA, Teresa Oliveira; QUEIRÓS, Paula. Desporto, corpo e estética: sinais de expressão da cultura contemporânea ocidental. In: CONGRESSO LUSO-AFRO-BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, 8., 2004, Coimbra. *Anais...* Coimbra: Universidade de Coimbra, 2004, p. 1-8. Disponível em: <<https://www.ces.uc.pt/lab2004/pdfs/TeresaLacerda.pdf>>. Acesso em: 12 jul. 2018.
- LÜDORF, Sílvia Maria Agatti. Corpo e formação de professores de educação física. *Interface – Comunicação, Saúde, Educação*, Botucatu, v. 13, n. 28, p. 99-110, jan./mar. 2009.
- MELO, Victor Andrade de. Educação estética e animação cultural: reflexões. *LICERE – Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer/UFMG*, Belo Horizonte, v. 5, n. 1, p. 101-113, 2002.
- MENDES, Maria Isabel Brandão de Souza. Do ideal de robustez ao ideal de magreza: educação física, saúde e estética. *Movimento*, Porto Alegre, v. 15, n. 4, p. 175-191, out./dez. 2009.
- MIRA, Carlos Alberto Magalhães. *O declínio de um paradigma: ensaio crítico sobre a relação de causalidade entre exercício físico e saúde*. Tese (Doutorado em Educação Física) – Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2000.
- MOLINA, Pere; BELTRÁN, Vicente. Motor incompetence and performance ideology in physical education: the case of a student with intellectual disability. Motricidad. *European Journal of Human Movement*, Cáceres, v. 19, p. 157-180, dez. 2007.
- OSBORNE, Harold. *Estética e teoria da arte*. São Paulo: Cultrix, 1968.
- PEREIRA, João Antonio; CRUZ, Valquíria Moreira da; ANTUNES, Scheila Espindola. Corpo saudável ou corpo

estético? Discussões sobre as possíveis influências das mídias na ocorrência de distúrbios alimentares. *Efdeportes* – Revista Digital, Buenos Aires, ano 17, n. 171, p. 1-1, ago. 2012.

PLOTINO. Sobre o belo (Enéada 1, 6). In: Duarte, Rodrigo (Org.). *O belo autônomo: textos clássicos de estética*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. p. 45-58.

RANCIÈRE, Jacques. *O inconsciente estético*. São Paulo: Editora 34, 2009.

RUSSO, Renata. Imagem corporal: construção através da cultura do belo. *Movimento & Percepção*, Espírito Santo de Pinhal, v. 5, n. 6, p. 80-90, jan./jun. 2005.

SCLIAR, Moacyr. História do conceito de saúde. *Physis* – Revista Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, p. 29-41, jan./abr. 2007.

STANGA, Adriani Cristiani; REZER, Ricardo. Concepções de saúde, trabalho docente e o Pró-Saúde: nos caminhos da hermenêutica... *Physis* – Revista de Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v. 25, n. 2, p. 593-614, abr./jun. 2015.

TRAVERSO-YÉPEZ, Martha; PINHEIRO, Verônica de Souza. Adolescência, saúde e contexto social: esclarecendo práticas. *Psicologia & Sociedade*, Belo Horizonte, v. 14, n. 2, p. 133-147, jul./dez. 2002.

XAVIER, Monalisa Pontes; ARAÚJO, Julianna Sampaio. O conceito de saúde e os modelos de assistência: considerações e perspectivas em mudança. *Revista Saúde em Foco*, Teresina, v. 1, n. 1, p. 137-149, jan./jun. 2014.

Enviado em 6 de fevereiro de 2018

Aprovado em 30 de março de 2018